De Abraão, o patriarca hebreu que saiu da Mesopotâmia, a Jacó, que recebeu o nome de Israel depois de lutar com um misterioso personagem divino; de Judá, cujo nome deu origem à denominação judeu, a Josué, o homem que conduziu o povo eleito à Terra Prometida. Uma explicação bíblica, histórica e teológica para compreender as raízes da nossa fé.

Existem palavras que utilizamos habitualmente sem nos determos a examinar o seu verdadeiro significado. Na Bíblia, na história da Igreja e nas conversas atuais encontramos constantemente termos como hebreu, israelita, judeu e israelense. Com frequência, são utilizados como se fossem sinónimos, quando na realidade têm origens, significados e contextos históricos diferentes.

Esta distinção não é uma questão secundária nem um simples exercício de erudição. É fundamental para compreender corretamente as Sagradas Escrituras, acompanhar o desenvolvimento da Antiga Aliança e reconhecer como Deus preparou, através das gerações, a vinda de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Por que razão Abraão é chamado hebreu? Que relação tem esta palavra com atravessar o rio Eufrates? Por que motivo Jacó recebeu o nome de Israel depois de lutar durante a noite com um misterioso personagem a quem a própria Escritura relaciona com Deus? O que significa o nome Judá e como acabou por dar origem à denominação judeu? Que papel desempenhou Josué na história dos israelitas?

São perguntas relacionadas, mas cada uma delas nos conduz a um momento diferente da história da salvação.

Para compreendê-las, devemos partir de um primeiro esclarecimento: Abraão, Jacó, Judá e Josué não desempenharam a mesma função nem pertenceram à mesma geração. Abraão foi o patriarca da promessa; Jacó foi aquele que recebeu o nome de Israel; Judá foi um dos seus filhos e antepassado da tribo que leva o seu nome; e Josué foi o sucessor de Moisés, encarregado de conduzir os israelitas à terra de Canaã.

A história destes personagens permite-nos distinguir três grandes denominações:

- Hebreu: termo antigo relacionado com os patriarcas e, particularmente, com Abraão.
- Israelita: denominação que procede de Israel, o novo nome de Jacó, e que identifica os seus descendentes.
- Judeu: palavra procedente de Judá e da posterior evolução histórica do reino e do povo de Judá.

Não são três povos completamente independentes. São denominações ligadas a uma mesma história, mas nascidas em circunstâncias diferentes.

E, sobretudo, fazem parte de uma história que, na perspetiva cristã, encontra a sua plenitude em Jesus Cristo.

1. ABRAÃO: O PATRIARCA HEBREU E O HOMEM QUE ATRAVESSOU EM DIREÇÃO À TERRA PROMETIDA

Para compreender a origem do termo hebreu, temos de recuar até Abraão, uma das figuras mais importantes de toda a Sagrada Escritura.

Antes de Israel existir como povo, antes de se formarem as doze tribos e muito antes de aparecer a denominação judeu no seu sentido histórico posterior, encontramos um homem chamado Abrão.

A Bíblia apresenta-nos a sua vocação no capítulo 12 do Génesis:

> *«O Senhor disse a Abrão: Deixa a tua terra, a tua família e a casa de teu pai e vai para a terra que Eu te indicar. Farei de ti um grande povo, abençoar-te-ei, engrandecerei o teu nome e serás uma bênção».*

> *(Génesis 12,1-2).*

Este acontecimento constitui um dos momentos decisivos da história da salvação.

Deus chama Abraão e pede-lhe que abandone a sua terra, o seu ambiente familiar e as seguranças que até então tinham definido a sua existência. Promete-lhe uma descendência numerosa, uma terra e uma bênção que alcançará todas as nações.

Não se trata simplesmente de uma migração geográfica. É o início de uma relação especial entre Deus e um homem que aceita caminhar confiando na sua palavra.

De onde vem a palavra hebreu?

Em Génesis 14,13 encontramos uma das referências bíblicas mais antigas e explícitas a esta denominação:

> *«Um fugitivo veio avisar Abrão, o hebreu».*

No texto original aparece a expressão ha-ʿivrí (הָעִבְרִי), que podemos traduzir como «o hebreu».

A sua etimologia é habitualmente relacionada com a raiz semítica עבר, formada pelas consoantes ʿ-b-r.

O verbo hebraico correspondente é ʿavar (עָבַר), cujo significado inclui:

- Passar.
- Atravessar.
- Cruzar.
- Ir de um lado para o outro.
- Transpor um limite ou uma fronteira.

Desta raiz procede também ʿéver, termo relacionado com o outro lado ou a outra margem.

Aqui encontramos uma das explicações tradicionais mais conhecidas para a origem da palavra hebreu: a pessoa que vem do outro lado, que atravessou uma região ou que procede de além de um rio.

É importante corrigir uma confusão linguística: a raiz é ʿavar, e não habar. A primeira letra hebraica, ʿayin, representa um som gutural que não tem equivalente exato em português e que pode provocar transcrições fonéticas incorretas.

Significa hebreu «aquele que atravessou o rio Eufrates»?

Esta interpretação tradicional merece uma explicação mais aprofundada.

Abraão era originário de Ur dos Caldeus, na Mesopotâmia. Posteriormente, a sua família estabeleceu-se em Harã, antes de iniciar o caminho em direção a Canaã.

O Génesis relata:

> *«Abrão tomou Sarai, sua mulher, e Lot, filho do seu irmão, com todos os bens que tinham adquirido e os servos que tinham obtido em Harã, e partiram para a terra de Canaã».*

> *(Génesis 12,5).*

A geografia desta migração está relacionada com a Mesopotâmia e com as grandes rotas que ligavam a região do Eufrates à Síria e a Canaã.

Por isso, alguns intérpretes tradicionais associaram a palavra hebreu à condição de Abraão como homem proveniente da outra margem do Eufrates.

Esta explicação é sugestiva e possui uma longa tradição interpretativa.

No entanto, devemos ser rigorosos: a Bíblia não afirma expressamente que Abraão recebeu o nome de hebreu por ter atravessado o Eufrates. Também não existe unanimidade académica quanto à origem exata desta denominação.

A relação com a raiz ‘avar, que significa cruzar ou atravessar, é linguisticamente relevante; a identificação concreta do rio Eufrates como origem do nome é uma interpretação tradicional, não um facto demonstrado pelo texto bíblico.

Existe também outra interpretação antiga que relaciona Abraão com Éber, antepassado mencionado em Génesis 10,21 e 11,14-17. Esta possibilidade demonstra que a origem do termo tem sido objeto de diferentes explicações desde a Antiguidade.

Abraão: o homem que passou de uma vida anterior para uma vida de fé

Para além da questão etimológica, Abraão representa um acontecimento espiritual fundamental.

A sua vida ensina-nos que a fé exige abandonar aquilo que nos impede de responder a Deus.

Abraão deixa a sua terra sem conhecer todos os pormenores do seu destino. Não dispõe de garantias humanas. Não sabe como se cumprirão as promessas que recebeu.

Mas obedece.

São Paulo recordará precisamente esta dimensão:

> *«Pela fé, Abraão obedeceu ao chamamento e partiu para uma terra que havia de receber como herança, sem saber para onde ia».*
>
> *(Hebreus 11,8).*

A figura de Abraão permite-nos compreender que a fé não consiste apenas em aceitar intelectualmente que Deus existe. Significa confiar n'Ele, obedecer à sua vontade e permanecer fiel mesmo quando não compreendemos completamente o caminho.

Por isso, Abraão é chamado pai dos crentes.

A sua importância ultrapassa as fronteiras de Israel: judeus, cristãos e muçulmanos reconhecem nele uma figura fundamental das suas tradições religiosas, embora as suas interpretações teológicas sejam diferentes.

Para nós, católicos, Abraão é especialmente importante porque nele começa a manifestar-se uma promessa que alcançará a sua plenitude em Jesus Cristo.

> *«Por meio de ti serão abençoadas todas as nações da terra».*
>
> *(Génesis 12,3).*

Esta promessa será decisiva para compreender posteriormente a universalidade da salvação.

2. JACÓ: O HOMEM QUE LUTOU COM DEUS E RECEBEU O NOME DE ISRAEL

Se Abraão está relacionado com as origens patriarcais do termo hebreu, para compreender a denominação israelita devemos dirigir a nossa atenção para Jacó.

Jacó era neto de Abraão e filho de Isaac.

A genealogia bíblica é simples:

Abraão → Isaac → Jacó.

Jacó teve doze filhos, dos quais descenderiam as doze tribos de Israel.

Mas Jacó não nasceu com o nome de Israel. Recebeu-o depois de um acontecimento extraordinário que ocupa um lugar central no livro do Génesis.

A luta noturna junto ao rio Jaboc

O episódio encontra-se em Génesis 32,23-33.

Jacó está prestes a reencontrar-se com o seu irmão Esaú, com quem tinha mantido uma relação conflituosa.

Depois de fazer passar para o outro lado do rio Jaboc a sua família e os seus bens, permanece sozinho durante a noite.

Então acontece algo misterioso:

> *«Jacó ficou sozinho. Um homem lutou com ele até ao romper da aurora».*
>
> *(Génesis 32,25).*

O combate prolonga-se durante toda a noite.

O misterioso personagem toca na articulação da coxa de Jacó e deixa-o ferido. No entanto, Jacó não o larga.

Quando aquele personagem lhe pede que o deixe partir, Jacó responde:

> *«Não te deixarei partir enquanto não me abençoares».*

> *(Génesis 32,27).*

Então recebe uma resposta que mudará para sempre a sua identidade:

> *«Já não te chamarás Jacó, mas Israel, porque lutaste com Deus e com os homens e venceste».*
>
> *(Génesis 32,29).*

Jacó recebe um nome novo.

A partir desse momento, a sua descendência será conhecida como os filhos de Israel.

Quem era realmente o personagem com quem Jacó lutou? Era Deus ou um anjo?

Esta pergunta merece uma explicação teológica especialmente cuidadosa.

O Génesis apresenta inicialmente o adversário como um homem misterioso.

Contudo, o próprio Jacó interpreta o acontecimento como um encontro com Deus:

> *«Vi Deus face a face e a minha vida foi poupada».*
>
> *(Génesis 32,31).*

Por outro lado, o profeta Oseias, ao recordar este episódio, introduz uma referência ao anjo:

> *«No ventre materno suplantou o seu irmão; quando adulto, lutou com Deus. Lutou com o anjo e venceu».*

> *(Oseias 12,4-5).*

Portanto, a Escritura relaciona o mesmo acontecimento com Deus e com um anjo.

Não estamos perante uma luta comum entre dois homens. É um encontro sobrenatural no qual se manifesta misteriosamente a presença divina.

Na tradição cristã, esta passagem tem sido contemplada como uma manifestação de Deus, e alguns intérpretes estabeleceram relações tipológicas com as teofanias do Antigo Testamento e com Cristo.

No entanto, devemos evitar afirmar que o texto identifica expressamente aquele personagem com Jesus Cristo. Essa identificação direta não aparece no relato.

O que significa Israel?

O próprio Génesis apresenta uma interpretação:

«Porque lutaste com Deus e com os homens e venceste».

Tradicionalmente, o nome Israel tem sido interpretado como «aquele que luta com Deus» ou «Deus luta», embora a sua etimologia linguística exata seja objeto de discussão.

O verdadeiramente importante é que Jacó recebe uma nova identidade depois do seu encontro com Deus.

Há um pormenor que não devemos ignorar: Jacó sai abençoado, mas também ferido.

A sua coxa fica lesionada e, desde então, passa a caminhar com dificuldade.

Esta imagem possui uma profundidade espiritual extraordinária.

O encontro com Deus nem sempre elimina imediatamente as nossas feridas, fraquezas ou sofrimentos. Por vezes, transforma-nos precisamente através deles.

Jacó já não é simplesmente o homem que tenta conseguir as coisas através da sua astúcia. Agora experimentou que precisa da bênção divina.

A fé não consiste em dominar Deus, mas em permanecer diante d'Ele com perseverança,

humildade e confiança.

3. ISRAELITA: O NOME QUE RECEBEU TODO UM POVO

Uma vez que Jacó recebe o nome de Israel, os seus descendentes começam a ser identificados como os filhos de Israel.

Daqui procede a denominação israelita.

Israelita significa, no seu sentido bíblico original, membro do povo descendente de Jacó-Israel.

Não se trata ainda de uma denominação limitada aos habitantes de Judá. Faz referência à totalidade dos descendentes de Jacó e, posteriormente, à comunidade constituída pelas doze tribos.

Os doze filhos de Jacó e o nascimento das doze tribos

Jacó teve doze filhos, que constituem o fundamento genealógico das doze tribos de Israel.

Filho de Jacó	**Tribo**
Rúben	Rúben
Simeão	Simeão
Levi	Levi
Judá	Judá
Dã	Dã
Neftali	Neftali
Gad	Gad
Aser	Aser
Issacar	Issacar
Zabulão	Zabulão
José	Efraim e Manassés
Benjamim	Benjamim

Devemos fazer uma precisão: a enumeração das doze tribos pode variar consoante a passagem bíblica, porque José aparece representado territorialmente pelos seus dois filhos, Efraim e Manassés, enquanto Levi recebe uma função sacerdotal e não dispõe de uma

herança territorial comum como as outras tribos.

Em qualquer caso, as doze tribos representam a descendência de Israel e constituem a estrutura fundamental do povo eleito.

O livro do Génesis apresenta esta descendência e o livro do Êxodo mostra-nos como aquela família patriarcal se transformou numa comunidade numerosa.

De uma família a um povo: a escravidão no Egito

A história continua com José, um dos filhos de Jacó.

Depois de ser vendido pelos irmãos, José chega ao Egito, onde, por uma série de acontecimentos providenciais, alcança uma posição de autoridade.

Durante uma época de fome, Jacó e a sua família deslocam-se para lá.

Com o passar das gerações, os descendentes de Israel aumentam consideravelmente.

O livro do Êxodo descreve esta multiplicação:

> *«Os israelitas foram fecundos, multiplicaram-se, tornaram-se muito numerosos e poderosos, e encheram o país».*
>
> *(Êxodo 1,7).*

Mas a situação muda radicalmente.

Um novo faraó, que já não reconhece a importância de José, começa a oprimi-los e a submetê-los a trabalhos forçados.

O povo que tinha encontrado refúgio no Egito acaba por se transformar num povo escravizado.

É então que Deus suscita Moisés para o libertar.

A saída do Egito, a passagem do mar Vermelho e a aliança do Sinai constituem

acontecimentos essenciais para a identidade religiosa de Israel.

A partir desse momento, Israel não é apenas uma comunidade unida por uma ascendência familiar: é também um povo constituído por uma aliança com Deus.

A aliança do Sinai: Israel como povo eleito

Depois de libertar os israelitas do Egito, Deus estabelece uma aliança com eles no monte Sinai.

O livro do Êxodo recolhe estas palavras:

> *«Agora, pois, se escutardes verdadeiramente a minha voz e guardardes a minha aliança, sereis a minha propriedade particular entre todos os povos, porque toda a terra me pertence. Sereis para mim um reino de sacerdotes e uma nação santa».*
>
> *(Êxodo 19,5-6).*

Esta passagem é fundamental.

A eleição de Israel não significa que Deus seja propriedade exclusiva de uma nação nem que os outros povos fiquem excluídos do seu amor.

Significa que Deus confia a Israel uma missão dentro do seu projeto de salvação.

O povo recebe a Lei, o sacerdócio, o culto e as promessas.

Israel deverá ser testemunha da existência do único Deus verdadeiro no meio das nações.

A eleição implica uma responsabilidade.

Não basta pertencer genealogicamente a Israel: o povo está chamado a viver de acordo com a aliança.

Esta dimensão moral e espiritual será constantemente recordada pelos profetas, que denunciarão a idolatria, a injustiça e a infidelidade.

Quando aparece historicamente a denominação israelita?

Devemos distinguir duas questões.

A primeira é a sua origem bíblica: procede do nome que Deus concede a Jacó.

A segunda é o aparecimento de Israel como comunidade histórica reconhecível.

A Bíblia situa a sua formação no desenvolvimento das tradições patriarcais, do Êxodo, da aliança e do estabelecimento em Canaã.

Do ponto de vista da investigação histórica, uma referência especialmente importante é a chamada Estela de Merneptá, inscrição egípcia do final do século XIII a. C., que contém uma das mais antigas referências extrabíblicas conhecidas a um grupo chamado Israel em Canaã.

Isto é relevante porque demonstra que o nome Israel já identificava uma população na região durante a Idade do Bronze tardia.

Não significa que possamos reconstruir com absoluta certeza todos os acontecimentos do Génesis e do Êxodo a partir dessa inscrição, mas constitui um testemunho histórico importante da antiguidade da denominação Israel.

4. JOSUÉ: O SUCESSOR DE MOISÉS QUE CONDUZIU OS ISRAELITAS À TERRA PROMETIDA

Existe um personagem que devemos necessariamente incorporar a esta história: Josué.

O seu nome hebraico é Yehoshúa (יְהוֹשֻׁעַ), relacionado com a expressão «Yahvé salva» ou «o Senhor salva».

A sua figura é fundamental para compreender como os descendentes de Jacó passaram de um povo peregrino a estabelecer-se na terra prometida.

E convém deixar algo muito claro:

Josué não foi quem lutou com o anjo de Deus. O personagem que protagonizou aquele combate foi Jacó.

Josué pertence a uma geração posterior e desempenha uma missão completamente

diferente.

Quem foi Josué?

Josué era filho de Nun, da tribo de Efraim.

Foi ajudante de Moisés e destacou-se pela sua fidelidade a Deus.

Aparece em diferentes acontecimentos do Êxodo e da travessia pelo deserto.

Em Números 13-14 encontramo-lo entre os exploradores enviados para reconhecer a terra de Canaã.

A maioria dos exploradores transmitiu um relatório dominado pelo medo e pelo desânimo. Josué e Caleb, pelo contrário, mantiveram a sua confiança em Deus.

Não negavam as dificuldades, mas compreendiam que a promessa divina era mais importante do que os obstáculos humanos.

Por esta fidelidade, Josué foi escolhido para suceder a Moisés.

A missão de Josué: entrar em Canaã

Moisés conduziu o povo durante a saída do Egito e a travessia pelo deserto, mas morreu antes de entrar na terra prometida.

Então Deus confiou essa missão a Josué.

O início do livro que tem o seu nome recolhe esta designação:

> *«Moisés, meu servo, morreu. Agora, pois, levanta-te, atravessa o Jordão, tu e todo este povo, em direção à terra que Eu dou aos israelitas».*

> *(Josué 1,2).*

Josué devia conduzir as tribos para o outro lado do Jordão e organizar o estabelecimento em

Canaã.

A sua missão não consistia simplesmente em dirigir uma expedição militar. Representava a continuidade da promessa que Deus tinha feito a Abraão, Isaac e Jacó.

Aquilo que tinha começado como uma promessa patriarcal estava a chegar a uma nova etapa de cumprimento.

A passagem do Jordão

Um dos acontecimentos mais importantes da sua missão foi a passagem do rio Jordão.

O livro de Josué descreve como os sacerdotes transportaram a Arca da Aliança e entraram no rio.

As águas pararam e o povo pôde atravessá-lo.

> *«Os sacerdotes que transportavam a Arca da Aliança do Senhor permaneceram firmes em terra seca, no meio do Jordão, enquanto todo o Israel atravessava por terra seca».*
>
> *(Josué 3,17).*

O acontecimento recorda inevitavelmente a passagem do mar Vermelho.

Em ambos os casos, Deus manifesta o seu poder e conduz o seu povo através das águas.

Existe ainda um significado espiritual muito profundo: o povo que tinha saído da escravidão começa agora a tomar posse da terra prometida.

Josué e a fidelidade a Deus

O livro de Josué não deve ser lido apenas como uma narrativa de conquistas.

Contém um ensinamento permanente sobre a fidelidade à aliança.

No final da sua vida, Josué reúne as tribos e recorda-lhes tudo o que Deus fez por elas.

Depois, coloca-lhes uma decisão:

> *«Escolhei hoje a quem quereis servir».*
>
> *(Josué 24,15).*

E acrescenta a conhecida declaração:

> *«Eu e a minha casa serviremos o Senhor».*
>
> *(Josué 24,15).*

Estas palavras possuem uma enorme atualidade espiritual.

Josué compreende que a identidade de Israel não depende apenas da terra, da genealogia ou das vitórias militares.

Depende da sua fidelidade a Deus.

Um povo pode possuir uma história gloriosa e, ainda assim, afastar-se da sua vocação se abandonar a aliança.

Para o cristão, esta mensagem conserva toda a sua força: não basta ter recebido a fé; é necessário vivê-la.

Jacó e Josué: dois personagens que não devemos confundir

Jacó	Josué
Neto de Abraão.	Sucessor de Moisés.
Filho de Isaac.	Filho de Nun.
Pai dos doze filhos que dão origem às tribos.	Pertencia à tribo de Efraim.
Recebe o nome de Israel.	Recebe de Deus a missão de conduzir Israel.
Luta durante a noite com um misterioso personagem divino.	Conduz o povo através do Jordão.

A sua história aparece principalmente no Génesis.	A sua missão é narrada principalmente no livro de Josué.

Existe uma relação espiritual muito interessante entre ambos.

Jacó recebe o nome que identificará o povo.

Josué conduz esse povo em direção à terra prometida.

Um está relacionado com o nascimento da identidade de Israel; o outro, com uma etapa decisiva do seu estabelecimento histórico.

5. JUDÁ: O FILHO DE JACÓ CUJO NOME DEU ORIGEM À PALAVRA JUDEU

Chegamos agora à terceira denominação que devemos estudar: judeu.

A sua origem está relacionada com Judá, o quarto filho de Jacó e Lia.

O seu nascimento aparece em Génesis 29,35:

> *«Concebeu novamente e deu à luz um filho, dizendo: Desta vez louvarei o Senhor. Por isso, chamou-lhe Judá».*

Em hebraico, Judá escreve-se Yehudá (יְהוּדָה).

O seu nome está relacionado com a raiz hebraica y-d-h, ligada ao louvor, ao agradecimento e ao reconhecimento de Deus.

O relato do Génesis apresenta expressamente o nascimento de Judá como motivo de agradecimento da sua mãe Lia.

Por isso, tradicionalmente, o seu nome é interpretado como «louvor» ou «ação de graças».

Aqui encontramos uma distinção linguística importante:

- ʿAvar: cruzar ou atravessar. Relacionado com a explicação tradicional do termo hebreu.

- Yehudá: Judá, relacionado com o louvor e o agradecimento.
- Yehudí: judeu, denominação derivada de Judá.

A palavra judeu não procede do verbo hebraico ‘avar, mas do nome Judá.

Por que razão Judá adquiriu tanta importância?

Judá não era o primogénito de Jacó. Esse lugar correspondia a Rúben.

No entanto, a sua descendência adquiriu uma importância extraordinária na história do povo eleito.

Em Génesis 49 encontramos as bênçãos que Jacó pronuncia sobre os seus filhos antes de morrer.

Ao dirigir-se a Judá, diz-lhe:

> *«A ti, Judá, louvarão os teus irmãos; a tua mão estará sobre a nuca dos teus inimigos; os filhos de teu pai se prostrarão diante de ti».*
>
> *(Génesis 49,8).*

E continua com uma referência ao cetro:

> *«O cetro não se afastará de Judá, nem o bastão de comando de entre os seus pés, até que venha aquele a quem pertence, e a quem os povos prestarão obediência».*
>
> *(Génesis 49,10).*

Esta passagem tem uma importância extraordinária para a interpretação cristã do Antigo Testamento.

A referência ao cetro foi tradicionalmente interpretada como um anúncio da futura realeza da

descendência de Judá e, no seu sentido messiânico, como uma preparação da esperança em Cristo.

Não devemos confundir a profecia com uma descrição histórica imediata da monarquia. A sua interpretação messiânica compreende-se através do conjunto da Revelação.

Judá e a história de José

Também é interessante observar o papel de Judá na história de José.

Quando os seus irmãos querem livrar-se de José, Judá propõe que não o matem, mas que o vendam.

Posteriormente, durante a segunda viagem ao Egito, Judá desempenha um papel decisivo ao oferecer-se como garantia por Benjamim.

Em Génesis 44,18-34 pronuncia um discurso comovente diante de José e chega a oferecer-se como escravo em lugar do seu irmão.

Este episódio revela uma transformação moral importante.

Judá, que tinha participado na venda de José, aparece agora disposto a sacrificar-se por outro membro da sua família.

Numa perspetiva pastoral, podemos reconhecer aqui um ensinamento sobre o arrependimento, a responsabilidade e a possibilidade de mudar.

A história de Judá não é a de um homem sem erros, mas a de alguém que desempenha um papel fundamental dentro do plano providencial de Deus.

Judá, David e a promessa messiânica

A importância de Judá torna-se ainda maior quando aparece David.

David pertencia à tribo de Judá.

Foi ungido rei e estabeleceu Jerusalém como capital do reino.

Com ele desenvolve-se uma nova etapa da promessa divina.

Em 2 Samuel 7,12-16 encontramos a aliança estabelecida com a sua descendência:

> *«A tua casa e o teu reino permanecerão para sempre diante de mim; o teu trono será estabelecido para sempre».*
>
> *(2 Samuel 7,16).*

A esperança messiânica fica profundamente ligada à descendência de David e, portanto, à tribo de Judá.

O Novo Testamento retomará esta tradição para apresentar Jesus Cristo como o Messias prometido.

São Mateus começa o seu Evangelho com estas palavras:

> *«Genealogia de Jesus Cristo, filho de David, filho de Abraão».*
>
> *(Mateus 1,1).*

E o Apocalipse utiliza uma expressão ainda mais solene:

> *«Venceu o Leão da tribo de Judá, o rebento de David».*
>
> *(Apocalipse 5,5).*

O Leão de Judá é uma das imagens bíblicas da realeza e da vitória messiânicas de Cristo.

Por isso, a tribo de Judá tem um lugar especial na história da salvação.

6. DE JUDÁ A JUDEU: QUANDO SURGIU ESTA DENOMINAÇÃO?

Esta é provavelmente a parte mais importante para compreender a evolução histórica da palavra judeu.

Originalmente, Yehudí designava uma pessoa pertencente a Judá ou proveniente do seu território.

O termo está relacionado com a tribo de Judá e, posteriormente, com o reino de Judá.

Mas o seu significado foi evoluindo.

Para compreendermos esta evolução, temos de nos deter num dos acontecimentos mais decisivos da história bíblica: a divisão do reino depois da morte de Salomão.

A divisão do reino: Israel a norte e Judá a sul

Depois dos reinados de David e do seu filho Salomão, o reino unido dividiu-se.

O acontecimento é narrado em 1 Reis 12.

Surgiram duas entidades políticas:

O reino de Israel, a norte.

Agrupava a maior parte das tribos setentrionais e teve Samaria como capital durante uma parte importante da sua história.

O reino de Judá, a sul.

Era constituído principalmente pelas tribos de Judá e Benjamim, além de grupos sacerdotais e levíticos. A sua capital era Jerusalém.

Esta separação é essencial para compreender por que razão as denominações israelita e judeu começaram a adquirir significados históricos diferentes.

Os habitantes de ambos os reinos provinham da antiga comunidade de Israel, mas os seus destinos políticos foram distintos.

A queda do reino de Israel: 722-721 a. C.

O Império Assírio conquistou o reino do norte.

A queda de Samaria, geralmente datada de cerca de 722-721 a. C., pôs fim à sua independência política.

Uma parte da população foi deportada e ocorreram importantes transformações demográficas.

As tribos do norte não desapareceram necessariamente por completo, mas perderam a sua estrutura política independente e a sua identidade tribal deixou de ter a mesma visibilidade histórica.

Este acontecimento está relacionado com a tradição das chamadas dez tribos perdidas de Israel.

A queda de Judá: 586 a. C.

Mais de um século depois, o reino de Judá também sofreu uma catástrofe.

O Império Neobabilónico, sob o governo de Nabucodonosor II, conquistou Jerusalém em 587-586 a. C.

O primeiro Templo foi destruído e uma parte importante da população foi deportada para a Babilónia.

Este acontecimento provocou uma crise religiosa e nacional de enormes dimensões.

O povo tinha perdido a sua monarquia, a sua independência política e o Templo, que constituía o centro da sua vida religiosa.

Mas a identidade de Judá não desapareceu.

Precisamente durante o exílio e nos séculos posteriores, a denominação judeu foi adquirindo um sentido coletivo mais amplo.

Os deportados e os seus descendentes conservaram a memória da sua terra, da aliança, da Lei e das promessas divinas.

Quando aparece a palavra judeu?

A palavra Yehudí aparece já na Bíblia antes do exílio babilónico.

Por exemplo, em 2 Reis 16,6 e 25,25 encontramos referências relacionadas com os habitantes de Judá.

No livro de Jeremias e, posteriormente, em Esdras, Neemias e Ester, o seu uso torna-se especialmente significativo.

Depois do exílio, a denominação deixou de se referir exclusivamente a uma pertença territorial ou tribal e passou a identificar a comunidade histórica e religiosa que conservava a tradição de Judá.

Com o tempo, judeu tornou-se o nome geral de um povo que já não podia ser definido exclusivamente pela pertença a uma das doze tribos.

Isto é fundamental:

Um judeu contemporâneo não tem de demonstrar que descende biologicamente de Judá para pertencer ao povo judeu.

A identidade judaica evoluiu até constituir uma realidade religiosa, histórica, cultural e comunitária que pode ser transmitida por descendência ou adquirida através da conversão ao judaísmo.

A relação entre Judá e judeu é, portanto, histórica e linguística, mas o significado posterior da palavra é muito mais amplo do que a sua origem tribal.

7. HEBREU, ISRAELITA E JUDEU: AS DIFERENÇAS HISTÓRICAS E LINGUÍSTICAS

Depois de percorrermos os acontecimentos bíblicos, podemos estabelecer com maior precisão as diferenças entre as três denominações.

Não devemos entendê-las como três povos completamente separados, mas como três nomes relacionados com diferentes etapas e dimensões da história de Israel.

Hebreu: uma denominação antiga

A palavra hebreu aparece no Génesis aplicada a Abraão.

A sua origem está tradicionalmente relacionada com a raiz ʿavar, que exprime a ideia de passar ou atravessar.

A explicação tradicional relaciona-a com Abraão como homem proveniente do outro lado do Eufrates, embora não se possa afirmar que esta seja uma etimologia demonstrada.

Com o passar do tempo, hebreu também se tornou uma denominação cultural e linguística.

No Novo Testamento, por exemplo, São Paulo apresenta-se como:

> *«Hebreu de hebreus».*
>
> *(Filipenses 3,5).*

E em Atos 6,1 encontramos uma distinção entre hebreus e helenistas no seio da comunidade cristã primitiva.

Nesse contexto, os hebreus eram judeus ligados à língua e à cultura semíticas, enquanto os helenistas eram judeus de língua e cultura gregas.

Portanto, hebreu não é exclusivamente uma denominação genealógica.

Israelita: pertença ao povo de Jacó-Israel

Israelita deriva do nome de Jacó.

Refere-se aos descendentes das doze tribos e, no contexto bíblico, ao povo da Antiga Aliança.

É uma denominação genealógica, histórica, religiosa e nacional.

São Paulo utiliza expressamente este termo:

> *«Também eu sou israelita, da descendência de Abraão, da tribo de Benjamim».*
>
> *(Romanos 11,1).*

Aqui encontramos uma precisão interessante: Paulo é israelita, descendente de Abraão e pertencente à tribo de Benjamim.

Judeu: uma identidade histórica e religiosa

Judeu procede de Judá, filho de Jacó.

Originalmente, identificava os habitantes de Judá e os membros da sua comunidade.

Depois do exílio babilónico, o termo generalizou-se até se tornar a denominação do povo judeu.

Atualmente, designa tanto aqueles que professam a religião judaica como, num sentido étnico e cultural, aqueles que pertencem ao povo judeu.

A pertença ao povo judeu não depende exclusivamente da observância religiosa.

Aspeto	Hebreu	Israelita	Judeu
Origem do nome	Tradição relacionada com ʿavar ou com Éber	Israel, nome de Jacó	Judá, filho de Jacó
Figura bíblica principal	Abraão	Jacó	Judá
Primeira referência relevante	Génesis 14,13	Génesis 32,29	Denominação desenvolvida a partir de Judá
Sentido original	Proveniência ou identidade hebraica	Descendência de Israel	Pertença a Judá
Evolução	Identidade histórica e linguística	Identidade das tribos e do povo de Israel	Identidade do povo judeu

É importante recordar que estas denominações se sobrepõem. Abraão pode ser chamado hebreu e patriarca do povo de Israel; os descendentes de Judá são israelitas e, no

desenvolvimento histórico posterior, judeus.

8. UMA DISTINÇÃO NECESSÁRIA NO NOSSO TEMPO: JUDEU, ISRAELITA E ISRAELENSE

Na linguagem contemporânea encontramos uma quarta palavra que não devemos confundir com as anteriores: israelense.

A diferença é simples, mas especialmente importante.

Israelita é uma denominação bíblica e histórica.

Israelense é uma denominação moderna que identifica os cidadãos do Estado de Israel, fundado em 1948.

Portanto, nem todos os israelenses são judeus.

No Estado de Israel existem cidadãos judeus, muçulmanos, cristãos, drusos e pertencentes a outras comunidades.

Da mesma forma, nem todos os judeus são israelenses.

Existem comunidades judaicas em Espanha, França, Itália, Estados Unidos, Argentina e numerosos outros países.

Portanto:

- Um judeu pode ser espanhol e não ter nacionalidade israelense.
- Um cidadão israelense pode ser cristão.
- Um cidadão israelense pode ser muçulmano.
- Um cristão pode reconhecer a sua herança espiritual em Israel sem ser judeu nem israelense.

Esta distinção é particularmente importante no contexto político atual.

A religião judaica, a identidade do povo judeu, a nacionalidade israelense e as decisões políticas do Estado de Israel são realidades diferentes.

Não devemos atribuir automaticamente a todos os judeus as decisões de um governo, nem

identificar todos os israelenses com uma mesma religião ou posição política.

O respeito pela verdade histórica também exige justiça na nossa linguagem.

9. O JUDAÍSMO: DA ANTIGA ALIANÇA AO JUDAÍSMO RABÍNICO

Uma pergunta que surge naturalmente é a seguinte: quando apareceu o judaísmo como religião?

Para responder, devemos evitar uma simplificação.

A religião de Israel não nasceu repentinamente depois do exílio babilónico. As suas raízes encontram-se na fé dos patriarcas e, de maneira fundamental, na aliança estabelecida com Moisés.

Antes da queda de Jerusalém já existiam:

- A fé no Deus de Abraão, Isaac e Jacó.
- A aliança do Sinai.
- A Lei de Moisés.
- O sacerdócio.
- O culto sacrificial.
- O sábado.
- As festas religiosas.
- O Templo de Jerusalém.

Tudo isto constitui o fundamento da religião de Israel.

Contudo, o exílio babilónico e os séculos posteriores foram decisivos para a evolução histórica daquilo que conhecemos como judaísmo.

O exílio babilónico: uma transformação espiritual

A destruição do primeiro Templo obrigou o povo a conservar a sua identidade religiosa longe de Jerusalém.

A Lei, a oração, o ensinamento e a memória da aliança adquiriram uma importância ainda maior.

O regresso de grupos de exilados, autorizado sob o domínio persa, permitiu reconstruir Jerusalém e o seu Templo.

O segundo Templo foi concluído aproximadamente em 516-515 a. C.

Os livros de Esdras e Neemias descrevem esta restauração.

Durante os séculos seguintes, o judaísmo desenvolveu-se num contexto de diferentes correntes religiosas e culturais.

Entre elas encontramos os fariseus, os saduceus e os essénios.

A destruição do segundo Templo: ano 70 d. C.

A destruição do segundo Templo pelos romanos, no ano 70 d. C., provocou outra transformação decisiva.

O culto sacrificial do Templo deixou de poder ser celebrado e a vida religiosa judaica teve de reorganizar-se.

A tradição rabínica e a interpretação da Lei adquiriram uma importância central.

Deste processo surgiu a configuração do judaísmo rabínico, cuja evolução posterior deu origem às formas históricas do judaísmo que conhecemos.

Portanto, devemos distinguir:

1. A fé dos patriarcas.
2. A religião de Israel sob a aliança mosaica.
3. O judaísmo do período do Segundo Templo.
4. O judaísmo rabínico posterior à destruição do Templo.

Existe continuidade histórica e religiosa entre estas etapas, mas também importantes transformações.

10. A IMPORTÂNCIA DESTAS DISTINÇÕES PARA A TEOLOGIA CATÓLICA

Até agora estudámos os termos numa perspetiva histórica e linguística.

Mas, para um católico, esta questão tem uma importância ainda maior: ajuda-nos a compreender a continuidade entre o Antigo e o Novo Testamento.

A nossa fé não apareceu separada da história de Israel.

Deus foi preparando a vinda de Jesus Cristo através dos patriarcas, dos profetas, da Lei e das promessas.

Abraão: a promessa que alcançaria todas as nações

Deus chamou Abraão para formar um povo, mas a finalidade dessa eleição não se limitava a uma nação.

A promessa continha uma dimensão universal:

> *«Por meio de ti serão abençoadas todas as nações da terra».*
>
> *(Génesis 12,3).*

São Paulo interpreta esta promessa em relação direta com Cristo:

> *«A Escritura, prevendo que Deus justificaria os gentios pela fé, anunciou antecipadamente a Abraão esta boa-nova: Em ti serão abençoadas todas as nações».*
>
> *(Gálatas 3,8).*

O chamamento de Abraão antecipa a universalidade da salvação.

Israel: o povo que recebeu as promessas

São Paulo recorda os privilégios espirituais do povo de Israel:

> *«São israelitas, e a eles pertencem a adoção filial, a glória, as alianças, a legislação, o culto e as promessas».*
>
> *(Romanos 9,4).*

A eleição de Israel é uma realidade fundamental da Revelação.

Não podemos compreender a Bíblia sem reconhecer o papel que este povo desempenhou na preparação da vinda do Messias.

Judá: a tribo da qual Cristo procede segundo a carne

A genealogia de Jesus Cristo liga-o a Abraão e a David.

E a Carta aos Hebreus afirma:

> *«É sabido que Nosso Senhor nasceu de Judá».*
>
> *(Hebreus 7,14).*

Isto significa que Jesus pertence ao povo judeu segundo a sua humanidade.

A Santíssima Virgem Maria era judia. São José era judeu. Os apóstolos eram judeus. Os primeiros discípulos que anunciaram o Evangelho provinham maioritariamente do povo judeu.

Jesus foi circuncidado conforme a Lei, foi ao Templo, celebrou as festas de Israel e viveu dentro da tradição religiosa do seu povo.

O próprio Senhor afirma:

> *«A salvação vem dos judeus».*
>
> *(João 4,22).*

Esta frase deve fazer-nos refletir.

O cristianismo não pode desprezar as suas próprias raízes.

Terá Deus rejeitado definitivamente Israel?

São Paulo responde a esta questão de maneira contundente:

> *«Terá Deus rejeitado o seu povo? De modo nenhum!».*
>
> *(Romanos 11,1).*

Em Romanos 11 desenvolve a imagem da oliveira.

Os ramos naturais representam o povo de Israel e os ramos de oliveira brava representam os gentios que foram incorporados através da fé.

O apóstolo adverte:

> *«Não te envaideças contra os ramos».*
>
> *(Romanos 11,18).*

É uma advertência de enorme importância.

Os cristãos não devem presumir uma superioridade nem desprezar o povo do qual receberam as Escrituras e ao qual pertencem os patriarcas.

O Catecismo da Igreja Católica, números 839-840, ensina que a Igreja descobre a sua ligação com o povo judeu quando aprofunda o seu próprio mistério. Recorda também que a este povo pertencem os patriarcas, as alianças, as promessas e a Lei, e que Cristo procede dele segundo a carne.

A Igreja é o Povo de Deus da Nova Aliança, constituído em Jesus Cristo. Mas esta realidade não autoriza a desprezar nem a perseguir os judeus.

A teologia católica deve manter simultaneamente duas verdades:

- Jesus Cristo é o Messias prometido e o Salvador de toda a humanidade.
- Os dons e o chamamento de Deus são irrevogáveis, como ensina Romanos 11,29.

Os cristãos e a descendência espiritual de Abraão

São Paulo explica que os crentes em Cristo participam da promessa feita a Abraão:

> *«Se sois de Cristo, então sois descendência de Abraão, herdeiros segundo a promessa».*
>
> *(Gálatas 3,29).*

Este é um dos ensinamentos mais belos da história da salvação.

Pelo Batismo somos incorporados em Cristo e participamos da sua vida.

Não nos tornamos descendentes biológicos de Abraão, mas herdeiros espirituais da promessa através da nossa união com Jesus Cristo.

A fé cristã reconhece assim uma profunda continuidade entre a Antiga e a Nova Aliança.

11. APLICAÇÕES PASTORAIS: CINCO ENSINAMENTOS PARA A NOSSA VIDA CRISTÃ

O estudo destas denominações não deve permanecer num conhecimento puramente intelectual.

A história de Abraão, Jacó, Josué e Judá contém ensinamentos que podemos aplicar à nossa vida quotidiana.

1. Como Abraão, devemos aprender a confiar em Deus.

Abraão abandonou as suas seguranças para obedecer a um chamamento divino.

Também nós experimentamos momentos em que não sabemos que caminho devemos seguir.

A fé ensina-nos que nem sempre precisamos de conhecer todo o percurso para dar o passo seguinte.

2. Como Jacó, devemos perseverar na oração.

Jacó não largou o misterioso personagem até receber a sua bênção.

A sua luta recorda-nos que a oração exige perseverança.

Não devemos abandonar a nossa relação com Deus quando surgem as dificuldades, o cansaço ou o sofrimento.

3. Como Josué, devemos escolher a quem queremos servir.

«Eu e a minha casa serviremos o Senhor».

Estas palavras constituem uma declaração de fidelidade.

Numa sociedade que apresenta continuamente alternativas contrárias ao Evangelho, o cristão deve recordar que a sua primeira lealdade pertence a Deus.

4. Como Judá, devemos aprender a mudar e a reparar os nossos erros.

A história de Judá mostra que uma pessoa pode evoluir moralmente.

Quem cometeu erros não está condenado a repeti-los.

A conversão implica reconhecer o mal, assumir responsabilidades e começar uma vida nova.

5. Como São Paulo, devemos rejeitar o orgulho espiritual.

A eleição divina nunca deve transformar-se num motivo de desprezo pelos outros.

A verdadeira fé conduz à humildade, à caridade e à fidelidade.

Não devemos utilizar as Escrituras para alimentar preconceitos religiosos, étnicos ou políticos.

12. RESUMO: OS QUATRO PERSONAGENS E AS TRÊS DENOMINAÇÕES

Para recordar tudo o que estudámos, convém reunir as figuras bíblicas fundamentais.

ABRAÃO

HEBREU

Patriarca da fé. A sua denominação está tradicionalmente relacionada com a ideia de proceder do outro lado ou atravessar. Génesis 14,13.

JACÓ = ISRAEL

ISRAELITA

Recebe o nome de Israel depois de lutar com o misterioso personagem divino. Pai dos doze filhos que dão origem às tribos. Génesis 32,29.

JOSUÉ

CONDUTOR DE ISRAEL

Sucessor de Moisés. Conduz as tribos através do Jordão em direção a Canaã. Não é o personagem que lutou com o anjo. Josué 1-3.

JUDÁ

JUDEU

Quarto filho de Jacó. O seu nome está relacionado com o louvor. A sua descendência dá nome à tribo e ao reino de Judá, origem histórica da denominação judeu. Génesis 29,35.

13. CONCLUSÃO: DE ABRAÃO A JESUS CRISTO, UMA HISTÓRIA DE PROMESSA, ALIANÇA E SALVAÇÃO

Percorremos uma parte fundamental da história sagrada.

Vimos que hebreu, israelita e judeu não significam exatamente a mesma coisa.

O hebreu conduz-nos a Abraão, o patriarca que abandonou a Mesopotâmia para responder ao chamamento de Deus. A sua denominação está tradicionalmente relacionada com a raiz ʿavar, que exprime a ideia de cruzar ou atravessar, embora não se possa assegurar que o nome provenha especificamente da travessia do Eufrates.

O israelita conduz-nos a Jacó, o homem que recebeu um nome novo depois da sua luta noturna com um misterioso personagem relacionado com Deus e com o anjo na interpretação bíblica. Os seus doze filhos constituem a origem genealógica das tribos de Israel.

Josué mostra-nos a continuidade dessa história: o sucessor de Moisés que conduziu os israelitas através do Jordão em direção à terra prometida.

O judeu conduz-nos a Judá, quarto filho de Jacó, cujo nome está relacionado com o louvor e cuja linhagem desempenhou um papel fundamental na história da realeza messiânica.

Três denominações, quatro personagens e uma história que atravessa gerações.

Mas existe algo ainda mais importante.

Toda esta história encontra a sua plenitude em Jesus Cristo.

Abraão recebeu a promessa. Jacó recebeu o nome de Israel. Judá foi assinalado dentro da história da realeza. David recebeu a promessa de um reino duradouro. Os profetas anunciaram a chegada do Messias.

E, finalmente, o Verbo fez-Se carne.

Nosso Senhor nasceu no seio do povo judeu, descendente de David e pertencente à tribo de Judá segundo a sua genealogia humana.

Ele é o cumprimento das promessas e o Salvador de todos os homens.

Por isso, conhecer as diferenças entre hebreu, israelita e judeu não é simplesmente aprender história antiga ou etimologia hebraica.

É compreender melhor como Deus conduziu a história humana, como estabeleceu as suas alianças e como preparou, geração após geração, a chegada do seu Filho.

Abraão acreditou. Jacó foi transformado. Josué conduziu o povo. Judá recebeu a promessa da

realeza. Israel recebeu a aliança. E da história deste povo nasceu, segundo a carne, Jesus Cristo, Salvador do mundo.

Que o conhecimento das Sagradas Escrituras nos conduza sempre a uma fé mais profunda, a uma maior humildade e a um amor mais ardente por Nosso Senhor Jesus Cristo.

> *«Jesus Cristo é o mesmo ontem, hoje e para sempre».*
>
> *(Hebreus 13,8).*

BIBLIOGRAFIA E FONTES PARA APROFUNDAR

Para aqueles que desejem estudar esta questão com rigor bíblico, linguístico, histórico e teológico, recomendo as seguintes fontes:

1. Sagrada Bíblia: Génesis 12, 14, 29, 32 e 49; Êxodo 1 e 19; Josué 1-3 e 24; 1 Reis 12; 2 Samuel 7; Romanos 9 e 11; Gálatas 3; Hebreus 7.

2. Catecismo da Igreja Católica, números 839-840. Relação da Igreja com o povo judeu.

3. Concílio Vaticano II, declaração Nostra aetate, número 4. Ensinamento da Igreja sobre os seus vínculos espirituais com o povo judeu.

4. Estudos sobre a etimologia de hebreu: análise das diferentes interpretações de ʿivrí, da sua possível relação com a raiz ʿavar e da tradição de Abraão proveniente da outra margem.

5. Jewish Bible Quarterly: Fred Blumenthal, estudo sobre a onomástica bíblica e o significado de Éber e da tradição de Abraão proveniente da outra margem.

6. Encyclopaedia Britannica: explicação histórica da evolução da denominação Jew, desde Judá até à identidade do povo judeu.

7. Catholic Encyclopedia: entrada sobre Judá, o seu nome, a sua relação com o louvor e o seu papel na história de Israel.

Reflexão final: quando lermos na Bíblia a palavra hebreu, recordemos as origens patriarcais; quando encontrarmos israelita, pensemos em Jacó e nas doze tribos; quando aparecer judeu,

recordemos Judá e a evolução histórica do seu povo. E quando contemplarmos toda esta história a partir da fé católica, nunca percamos de vista o seu centro e a sua culminação: Jesus Cristo, o Messias prometido, o Leão da tribo de Judá e o Salvador do mundo.